



Estudantes Estrangeiros em Portugal: Evolução e Dinâmicas recentes (2005/6 a 2012/13)

Autoras: Isabel Tiago de Oliveira

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal
isabel.oliveira@iscte.pt

Madalena Ramos

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal
madalena.ramos@iscte.pt

Ana Cristina Ferreira

Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal
cristina.ferreira@iscte.pt

Sofia Gaspar

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP-ULisboa), Lisboa, Portugal
sgaspar@iscsp.ulisboa.pt

Recent Trend Concerning Foreign Students in Portugal (2005/6 to 2012/13)

RESUMO

Nos últimos anos, o aumento dos estudantes estrangeiros de diversas proveniências tem sido particularmente expressivo em Portugal. O objetivo deste artigo é analisar, no nosso país, a evolução das inscrições destes alunos no ensino superior entre 2005/6 e 2012/13, com especial incidência nas primeiras inscrições. A análise será baseada nos dados oficiais disponíveis e tendo em conta as nacionalidades dos estudantes, organizadas em quatro regiões: os países africanos de língua portuguesa e Timor-Leste, o Brasil, a Europa e os restantes países. Os resultados obtidos permitem esboçar algumas das tendências mais marcantes durante o período em análise: o extraordinário crescimento dos estudantes brasileiros, a diminuição dos alunos dos PALOP, e um aumento expressivo dos estudantes europeus e também de outras nacionalidades.

Palavras-chave: estudantes estrangeiros, ensino superior, Portugal

ABSTRACT:

Recently in Portugal there has been a substantial increase in the number of foreign students in higher education. This research aims to analyze the evolution of foreign students' enrolments between 2005/6 to 2012/13, particularly the ones corresponding to the first curricular year. The paper explores the official data by nationality, aggregated in four groups: the African Portuguese speaking countries and Timor-Leste, Brasil, Europe and the remaining countries. The main trends during this period are the exceptional increase from the Brazilian students, the decline of students from African Portuguese speaking countries, and the growth of European students and from the remaining countries.

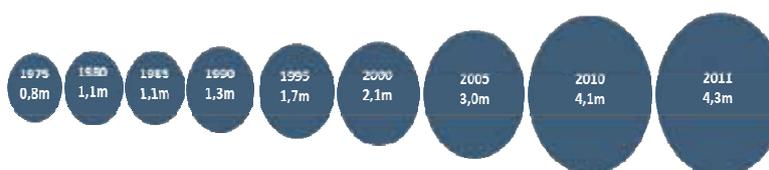
Key-words: foreign students, higher education, Portugal

INTRODUÇÃO¹

Ao longo das últimas décadas e, em especial, desde o início do século XXI, a mobilidade de estudantes cresceu de forma assinalável, seja no seguimento de acordos bilaterais estabelecidos entre países, seja integrada em processos de âmbito internacional, de que é exemplo paradigmático o programa Erasmus (criado com o objetivo de fomentar a mobilidade de estudantes e docentes), seja ainda de forma individual e espontânea. De acordo com a informação disponibilizada pela OCDE, se em 1975 os estudantes estrangeiros a nível mundial eram cerca de 800 mil, em 1995 eram já 1,7 milhões e em 2011 4,3 milhões (OCDE, 2013:306).

Figura 1

Evolução do número de estudantes estrangeiros a nível mundial, (1975-2011, milhões)



Fonte: OECD (2013: 306 – reprodução parcial da “Box C4.1. Long-term growth in the number of students enrolled outside their country of citizenship”)

No âmbito desta temática importa distinguir e clarificar dois conceitos: o de estudantes internacionais e o de estudantes estrangeiros. O que define o estudante internacional é o facto de ele se deslocar para um país diferente daquele onde residia para frequentar o ensino superior. Por seu lado, o conceito de estudante estrangeiro prende-se com a questão da nacionalidade e não com a deslocação para outro país. Assim, estudantes estrangeiros são aqueles cuja nacionalidade não é a do país onde se encontram a frequentar o ensino superior. Parte dos estudantes com nacionalidade estrangeira são alunos que já residiam no país em que estudam, que por vezes já lá nasceram, mas que detêm a nacionalidade estrangeira.

A deslocação pode ser de longa duração, se o objetivo for a obtenção do grau académico noutro país, ou de curta duração se decorrer por um período curto, geralmente um ou dois semestres. Este último caso corresponde ao modelo dos estudantes *Erasmus*, cujo peso no ensino superior europeu tem crescido de forma consistente desde o seu início em 1987/88. Segundo as estatísticas oficiais do Programa, até 2002/03 o *Erasmus* tinha mobilizado mais de 1 milhão de estudantes, em 2008/09 atingiu os 2 milhões e em 2012/13 ultrapassou os 3 milhões (European Commission, 2013:9). Portugal, não sendo um dos principais destinos escolhidos pelos estudantes *Erasmus*, tem ainda assim visto aumentar de forma considerável o número de alunos que aqui acorrem ao abrigo daquele programa nos últimos anos. Para além dos estudantes integrados no programa *Erasmus*, existem ainda situações de mobilidade em que a duração é menor, como os cursos de verão ou outros cursos de natureza avulsa.

Dos estudos sobre os alunos estrangeiros desenvolvidos em Portugal, há que destacar o de Humberto Moreira (2006) relativo ao período entre 1997/8 e 2004/5, quer pela amplitude geográfica das origens dos estudantes, quer pelo facto de permitir uma análise comparativa com outros países. Para além deste trabalho, sem dúvida o mais abrangente, há também casos de estudos que se debruçam especificamente sobre os estudantes estrangeiros provenientes de algumas origens concretas, nomeadamente dos países lusófonos. Temos neste caso Pessoa (2004), que faz um breve descrição dos estudantes do espaço lusófono em 2001/02, mas também trabalhos que se centram nos alunos do ensino superior oriundos dos PALOP, designadamente a sua integração em Lisboa (Semedo, 2010), a política de cooperação e a sua situação no ensino politécnico (Mourato 2011) ou sobre estes estudantes em contextos específicos como Viseu (Silva, Abrantes e Duarte, 2009), e sobre a integração destes estudantes na Universidade de Aveiro (Oliveira, 2013). Numa perspetiva mais abrangente, é de destacar a análise sobre as características, tendências e perfis dos alunos lusófonos no conjunto de todo o ensino superior em Portugal realizada por Pedreira (2013).

¹ As autoras gostariam de agradecer à nossa interlocutora na Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) do Ministério da Educação e Ciência (MEC), Isabel Pedreira, por toda a disponibilidade demonstrada e pelo esclarecimento de dúvidas que foram surgindo no decurso deste estudo.

Por outro lado, também os alunos *Erasmus* em Portugal são tema de algumas investigações: é o caso do trabalho sobre a sua satisfação em Lisboa (Cunha, 2011). Também se encontram abordagens sobre os alunos estrangeiros (sem particularizar a origem geográfica) e sua inserção em contextos específicos, como seja o estudo sobre o percurso, as características e a situação destes estudantes na Universidade do Porto (Nada, 2012) ou sobre a sua interação com os portugueses e pessoas de outras origens em Lisboa (Kanzor, 2011). Uma parte importante destes trabalhos corresponde a teses de mestrado, desenvolvidas em diversas instituições de ensino superior.

OBJETIVO DA ANALISE

Nesta investigação propomo-nos analisar a evolução dos alunos estrangeiros em Portugal e não dos alunos internacionais. Mais do que uma opção teórica corresponde a uma limitação imposta pelas fontes oficiais, que apresentam apenas dados para os alunos segundo a nacionalidade e não segundo a residência anterior.

Assim, temos como principal objetivo perceber as dinâmicas recentes na evolução e composição do conjunto de alunos de nacionalidade estrangeira no nosso país, sendo a análise orientada em função de quatro grandes regiões de origem destes estudantes: os países que correspondem a antigas colónias africanas de língua oficial portuguesa e Timor-Leste (PALOP+TL), o Brasil, a Europa e uma categoria residual de Outras Regiões, onde se destacam atualmente os asiáticos.

Neste trabalho centrar-nos-emos no período que se inicia no ano letivo 2005/06. São várias as razões para a escolha deste período temporal. Em primeiro lugar, porque nessa data já não existem nacionalidades desconhecidas nas estatísticas, pelo que é possível reconstituir a evolução dos alunos de cada uma das nacionalidades e garantir a comparabilidade dos números. Em segundo lugar, porque existe já um estudo, de Humberto Moreira, que aborda a evolução dos alunos estrangeiros em Portugal até 2004/05 (Moreira, 2006), pelo que a análise dos anos anteriores a 2005 seria redundante. Finalmente, esta é também a data a partir da qual existem dados sobre as primeiras inscrições nos cursos de ensino superior, informação que nos parece crucial para perceber as tendências na procura de ensino superior por parte dos alunos estrangeiros.

FONTES

Neste estudo tivemos em conta as estatísticas oficiais do estado Português até recentemente produzidas pelo Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI), do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES), e que são atualmente da responsabilidade da Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência (DGEEC) do Ministério da Educação e Ciência (MEC).

Nesta análise consideram-se as inscrições em todos os graus de ensino superior, estando portanto excluídos os alunos inscritos em cursos de especialização tecnológica (CET).

Até ao ano letivo de 2010/11, as estatísticas sobre as inscrições no ensino superior consideram os alunos inscritos nas diferentes instituições de ensino superior portuguesas, por um período de, pelo menos, dois semestres. A partir de 2011/12 as estatísticas efetuam um apuramento mais rigoroso dos alunos em mobilidade e passaram a incluir todos os alunos inscritos, mesmo que por períodos inferiores a dois semestres. Por este motivo, esta análise sobre os estrangeiros está separada em duas fases: uma leitura cronológica até 2010/11 e uma leitura da situação atual baseada nos dois últimos anos letivos.

As questões associadas à mobilidade afetam fundamentalmente os alunos dos países correspondentes ao espaço *Erasmus*, mas atingem também outras nacionalidades já que este programa não é a única forma de mobilidade estudantil (é de referir que a mobilidade tem alguma importância, embora muito menor, no caso dos estudantes brasileiros).

As Tendências Recentes

No quadro 1 apresentam-se os dados referentes à evolução do número de alunos inscritos no ensino superior em Portugal. Como é visível, os alunos com nacionalidade estrangeira conhecida revelam um forte aumento, sendo no primeiro ano em análise, cerca de 10 mil e no último cerca de 30 mil, o que se traduz num acréscimo da percentagem de alunos com nacionalidade estrangeira no conjunto de alunos do ensino superior de 2,9% (1997/98) para 8,3% (2012/13). Recorde-se, no entanto, que nos dois últimos anos os valores incluem os alunos estrangeiros que frequentam o ensino superior em Portugal por períodos relativamente curtos, pelo que estes valores devem ser lidos com precaução. Ainda assim, se atendermos apenas à evolução registada até ao ano letivo de 2010/11, este aumento produziu-se de forma contínua e consistente, mais do que duplicando o número de alunos durante esse período, assistindo-se depois à continuidade desta tendência de crescimento.

Quadro 1

Evolução dos alunos do Ensino Superior (Portugal, 1997/8 a 2012/13)						
Anos	Total	Estrangeira (conhecida)	Estrangeira (desconhecida)	Estrangeira (total)	% no total	
1997/08	347 473	9 895	221	10 116	2,9	
1998/09	356 790	9 459	6 962	16 421	4,6	
1999/00	373 745	10 264	352	10 616	2,8	
2000/01	387 703	11 911	806	12 717	3,3	
2001/02	396 601	14 077	1 615	15 692	4,0	
2002/03	400 831	15 752	3 008	18 760	4,7	
2003/04	395 063	16 088	67	16 155	4,1	
2004/05	380 937	17 010	0	17 010	4,5	
2005/06	367 312	17 077	0	17 077	4,6	
2006/07	366 729	17 950	0	17 950	4,9	
2007/08	376 917	18 584	0	18 584	4,9	
2008/09	373 002	17 900	0	17 900	4,8	
2009/10	383 627	19 223	0	19 223	5,0	
2010/11	396 268	21 824	0	21 824	5,5	
Varição % (1997/8 a 2010/11)				115,7		
2011/12	390 273	28 656	0	28 656	7,3	
2012/13	371 000	30 757	0	30 757	8,3	
Varição % (2011/12 a 2012/13)				7,3		

Fontes: De 1997/8 a 1999/0 – OCES (2004) cit. Moreira (2006:56); De 2000/01 a 2011/12 – DGEEC, Tabela 2.9 – Inscritos de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; Ano 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Este tipo de análise, em que são considerados todos os alunos inscritos, qualquer que seja o ano curricular e o grau académico que frequentam, não permite perceber a evolução segundo o nível de ensino (licenciatura, mestrado e doutoramento), o que é limitativo dado o crescimento do ensino pós-graduado no nosso país e o facto do período em análise englobar a implementação do processo de Bolonha ocorrido em 2006.

A informação sobre as primeiras inscrições é particularmente importante uma vez que o processo de Bolonha encurtou a duração dos cursos de licenciatura. O número total de estudantes inscritos nos vários graus de ensino (Quadro 1) é afetado quer pelas novas inscrições, quer pela mudança de duração dos currículos. Um aumento da duração dos cursos leva necessariamente a um acréscimo do número de alunos total, apenas pelo efeito de duração; enquanto, pelo contrário, num contexto de decréscimo da duração dos cursos de licenciatura, a variação do número total de alunos é afetada negativamente pelo efeito de duração. Todavia, a implementação do processo de Bolonha ficou associada a um esforço institucional para o encaminhamento dos alunos, finalistas das novas licenciaturas, para mestrados, o que poderá ter compensado o efeito do decréscimo da duração dos cursos de licenciatura. Este novo tipo de alunos de segundo ciclo conflui numa tendência pré-existente de crescimento do número de alunos mestrado.

A análise do número total de alunos e das primeiras inscrições permite uma leitura complementar. Se o número total de estudantes estrangeiros, considerados todos os anos curriculares, possibilita comparações com períodos mais recuados e com outros países, as primeiras inscrições permitem perceber de forma mais clara as tendências recentes que importa reter.

A evolução das primeiras inscrições, para as quais só existe informação disponível a partir de 2005/06, pode ser observada no Quadro 2, que confirma a importância dos alunos estrangeiros no ensino superior português. Os alunos estrangeiros que se inscrevem pela primeira vez no primeiro ano de um curso superior aumentam até 2010/11 para mais do dobro, o que se traduz num acréscimo da sua importância no total de alunos inscritos pela primeira vez no ensino superior português, que passa de 6%, em 2005/6, para 7% em 2010/11 e, finalmente, para 11% no último ano em análise.

Quadro 2

Evolução das Primeiras Inscrições de Estudantes Estrangeiros no Primeiro Ano Curricular (valores absolutos e percentagem no total, 2005/06 a 2012/13)									
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
Portugueses	78 169	88 623	108 772	109 188	114 683	121 857	55,9	105 635	94 699
Estrangeiros	4 551	6 718	5 342	6 184	7 631	9 651	112,1	10 941	11 550
Total	82 720	95 341	114 114	115 372	122 314	131 508	59,0	116 576	106 249
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11		2011/12	2012/13
Portugueses	94,5	93,0	95,3	94,6	93,8	92,7		90,6	89,1
Estrangeiros	5,5	7,0	4,7	5,4	6,2	7,3		9,4	10,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		100,0	100,0

Fontes: De 2005/06 a 2010/11 – DGEEC, Tabela 2.2.8 – Inscritos no Primeiro Ano pela Primeira Vez, de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; De 2011/12 a 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

Estes alunos com nacionalidade estrangeira representam, em 2012/13, 11% das primeiras inscrições nos primeiros anos curriculares, um valor superior aos 8% do total de estudantes inscritos no conjunto dos anos curriculares (quadro 1).

A evolução dos estudantes estrangeiros desde 2005/06 Por grupo de origem

Numa primeira abordagem vamos considerar quatro regiões de proveniência dos estudantes estrangeiros, definidas a partir da nacionalidade, que abreviadamente designamos por grupo de origem, para depois aprofundar a análise por país. As áreas de proveniência das nacionalidades consideradas são, como previamente referido, os PALOP+TL (países africanos de língua oficial portuguesa e Timor-Leste), a Europa correspondente ao espaço *Erasmus* (33 países), o Brasil e uma categoria remanescente de Outras Regiões. Vejamos primeiro a evolução do número total de alunos estrangeiros independentemente do grau de ensino e do ano curricular que frequentam (Quadro 3).

Quadro 3

Evolução dos alunos estrangeiros (total e por grupos de origem, 2005/06 a 2012/13)

	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
PALOP+TL	10 453	11 286	10 516	9 135	8 650	8 569	-18,0	8 758	8 227
Brasil	1 907	2 204	2 912	3 813	4 421	5 335	179,8	6 989	8 838
Espaço Erasmus	3 029	2 757	2 953	2 993	3 878	5 025	65,9	9 397	10 173
Outras Regiões	1 689	1 704	2 204	1 961	2 277	2 901	71,8	3 512	3 519
Total	17 078	17 951	18 585	17 902	19 226	21 830	27,8	28 656	30 757
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11		2011/12	2012/13
PALOP+TL	61,2	62,9	56,6	51,0	45,0	39,3		30,6	26,7
Brasil	11,2	12,3	15,7	21,3	23,0	24,4		24,4	28,7
Espaço Erasmus	17,7	15,4	15,9	16,7	20,2	23,0		32,8	33,1
Outras Regiões	9,9	9,5	11,9	11,0	11,8	13,3		12,3	11,4

Fontes: De 2005/06 a 2011/12 – DGEEC, Tabela 2.9 – Inscritos de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; Ano 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

Destacam-se três principais tendências: a) o decréscimo dos estudantes com origem nos PALOP+TL no total de alunos estrangeiros, que diminuem o seu peso no total entre 2005/06 e 2010/11 (passando de cerca de 62% para 39%, em resultado do seu decréscimo em 18% e do aumento de estudantes de outras nacionalidades); b) o aumento dos alunos oriundos dos países europeus e associados ao programa *Erasmus* que não só crescem em valor absoluto como passam a representar em 2010/11 23% do total de alunos estrangeiros, quando em 2005/06 não chegavam aos 18%; c) o aumento particularmente expressivo do número de estudantes de nacionalidade brasileira, que mais do que duplicaram entre 2005/06 e 2010/11 e cuja importância no total de alunos estrangeiros passou de 11% para 24%, tendência que se mantém nos últimos anos.

Os dados referentes às primeiras inscrições permitem perceber mais detalhadamente a evolução dos alunos estrangeiros em Portugal (Quadro 4). Como se disse anteriormente, o número de alunos estrangeiros que se inscreveram pela primeira vez num curso do ensino superior em Portugal tem vindo sempre a crescer, sendo que ao longo do período em análise mais do que duplica.

Tendo em conta os grupos de origem e tomando como referência o ano de 2005/6, pode observar-se que as primeiras inscrições dos alunos originários dos PALOP+TL se mantêm na mesma ordem de grandeza², mas o seu peso relativo no conjunto de alunos estrangeiros diminui de cerca de 62% para aproximadamente 30% em 2010/11, em consequência do acréscimo do número de estudantes de outras proveniências geográficas. São aliás, o único grupo onde não se regista um aumento acentuado no período em análise. A partir de 2010/11 assiste-se a um decréscimo do número de primeiras inscrições por parte dos alunos oriundos deste grupo de países.

² Há uma grande variação em 2006/7, provavelmente relacionada com o início do processo de Bolonha.

Quadro 4

Primeiras inscrições de alunos estrangeiros por grupo de origem (valores absolutos e percentagem no total das primeiras inscrições, 2005/06 a 2012/13)									
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
PALOP+TL	2 813	4 527	2 237	2 557	2 592	2 836	0,8	2 764	2 650
Brasil	684	939	1 383	1 854	2 168	2 789	307,7	3 124	3 922
Espaço Erasmus	665	757	969	946	1 935	2 770	316,5	3 800	3 712
Outras Regiões	389	495	753	827	936	1 256	222,9	1 253	1 266
Total	4 551	6 718	5 342	6 184	7 631	9 651	112,1	10 941	11 550
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11		2011/12	2012/13
PALOP+TL	61,8	67,4	41,9	41,3	34,0	29,4		25,3	22,9
Brasil	15,0	14,0	25,9	30,0	28,4	28,9		28,6	34,0
Espaço Erasmus	14,6	11,3	18,1	15,3	25,4	28,7		34,7	32,1
Outras Regiões	8,5	7,4	14,1	13,4	12,3	13,0		11,5	11,0

Fontes: De 2005/06 a 2010/11 – DGEEC, Tabela 2.2.8 – Inscritos no Primeiro Ano pela Primeira Vez, de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; De 2011/12 a 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

No caso dos alunos brasileiros o aumento verificado neste período é muito expressivo, em especial a partir de 2006/07: o seu número mais do que quadruplica desde 2005/6 até 2010/11. Se no início, representavam apenas 15% do total de primeiras inscrições no ensino superior, em 2010/11, são já o país mais importante (representando cerca de 29%), mantendo-se essa importância em 2012/13 (quer em termos absolutos quer em termos relativos). Nos últimos oito anos aumentaram para quase seis vezes mais do que eram em 2005/6.

Os estudantes originários do espaço *Erasmus* revelam até 2010/11 uma evolução muito similar, quer no que respeita à sua importância no número de estudantes estrangeiros que se inscrevem pela primeira vez, quer no que respeita ao aumento durante este período. Como veremos adiante, a evolução do conjunto de estudantes europeus resulta de subgrupos muito distintos, nos quais se inclui um segmento em claro crescimento: os estudantes com nacionalidade de países das principais comunidades de imigrantes de Leste.

No último grupo (Outras Regiões), encontramos também um crescimento importante, embora menos expressivo do que no caso dos alunos brasileiros ou dos países europeus.

Os Estudantes dos Países Africanos Lusófonos e de Timor-Leste

A evolução do número de estudantes por grupo de origem esconde a diversidade de tendências que a análise segundo o país de nacionalidade reflete. Assim acontece no caso dos estudantes oriundos do espaço lusófono africano e de Timor-Leste.

No Quadro 5 pode observar-se a evolução do número de alunos inscritos, bem como o respetivo peso no total, desde 2005/6, para os alunos provenientes destes países³. Em termos globais, o número de estudantes destas origens diminui de 10.453 em 2005/06 para 8.227 em 2012/13.

³ Recorde-se que se trata de alunos com nacionalidade de outro país e que não correspondem exatamente à população que frequenta o ensino superior nascida nestes países, nem à população que pode ter completado em Portugal o anterior grau de ensino ou mesmo ter nascido em Portugal.

Quadro 5

Evolução dos alunos provenientes dos PALOP+TL (valores absolutos e percentagem no total, 2005/06 a 2012/13)									
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
Angola	4 116	4 794	4 648	3 587	3 238	3 129	-24,0	3 471	3 284
Cabo Verde	4 086	4 342	3 844	3 544	3 464	3 359	-17,8	3 213	2 857
S. Tomé e Príncipe	556	644	644	673	676	829	49,1	797	766
Moçambique	1 216	1 006	983	876	746	707	-41,9	669	642
Guiné-Bissau	376	426	318	391	401	413	9,8	461	417
Timor-Leste	103	74	79	64	125	132	28,2	147	261
Total	10 453	11 286	10 516	9 135	8 650	8 569	-18,0	8 758	8 227

Fontes: De 2005/06 a 2011/12 – DGEEC, Tabela 2.9 – Inscritos de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; Ano 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

Os estudantes oriundos deste grupo de países representavam cerca de 61% dos estudantes estrangeiros em 2005/06 (destacando-se claramente os angolanos e cabo-verdianos que correspondiam, cada um, a quase 25% dos estudantes estrangeiros no ensino superior português, se consideradas as inscrições em todos os anos curriculares), atingindo os 63% em 2006/7, ano em que se alcança o maior número de alunos destas regiões. Desde então assiste-se a um decréscimo gradual do peso deste grupo de estudantes, em resultado da diminuição de alunos das três nacionalidades predominantes (os angolanos e cabo-verdianos passam a ter um peso inferior, cerca de 11% e 9% do total de alunos estrangeiros inscritos na atualidade), já que os alunos dos outros países deste grupo não mostram uma tendência que compense a perda dos primeiros e, em simultâneo os alunos brasileiros, europeus e de Outras Regiões tendem a aumentar.

Como se viu anteriormente (Quadro 4), também as primeiras inscrições de alunos das antigas colónias diminuíram claramente durante o período em análise, passando de cerca de 62% do total de primeiras inscrições de alunos com nacionalidade estrangeira para aproximadamente 30% em 2010/11 e 23% em 2012/13. Todavia, a redução do peso relativo no conjunto de estrangeiros deve-se mais a um aumento de estudantes de outras proveniências do que a uma diminuição em termos globais dos alunos com origem nos países africanos lusófonos e Timor-Leste, dado que as primeiras inscrições mostram uma estabilidade até 2010/11 com uma variação de 0,8% (excetuando as oscilações associadas ao início do processo de Bolonha) e um ligeiro decréscimo a partir daí (Quadro 6).

Quadro 6

Primeiras inscrições de alunos dos PALOP+TL (valores absolutos e percentagem no total, 2005/06 a 2012/13)									
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
Angola	1 231	2554	800	940	916	1 051	-14,6	1 177	1 122
Cabo Verde	982	1258	915	950	1 035	1 007	2,5	878	726
S. Tomé e Príncipe	107	244	199	241	191	327	205,6	266	276
Moçambique	402	309	211	275	237	270	-32,8	206	239
Guiné-Bissau	77	153	87	120	128	132	71,4	182	139
Timor-Leste	14	9	25	31	85	49	250,0	55	148
Total	2 813	4 527	2 237	2 557	2 592	2 836	0,8	2 764	2 650

Fontes: De 2005/06 a 2010/11 – DGEEC, Tabela 2.2.8 – Inscritos no Primeiro Ano pela Primeira Vez, de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; De 2011/12 a 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

A análise por país de origem, revela que esta situação, de decréscimo dos alunos deste grupo de países, se deve essencialmente ao decréscimo na procura do ensino superior português por parte dos alunos moçambicanos, angolanos e, mais recentemente, cabo-verdianos, que não é compensada pelo aumento (substancial em termos relativos mas pouco expressivo em termos absolutos) dos alunos provenientes dos países de pequena dimensão – Timor-Leste, São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau. Vários são os fatores que podem contribuir para esta diminuição, nomeadamente o desenvolvimento do sistema de ensino superior em Moçambique, Angola e Cabo Verde e, por outro lado, a atração por outros países para prosseguir os estudos.

Os Estudantes Brasileiros

O Brasil revela-se progressivamente como uma das principais origens de estudantes estrangeiros a estudar em Portugal, sendo mesmo em 2012/13 a principal fonte. Entre os anos letivos 2005/6 e 2010/11 o número total de alunos brasileiros no ensino superior português sobe de cerca de 2 mil para mais de 5 mil e em 2012/13 aproxima-se dos 9 mil alunos. Considerando as primeiras inscrições, é possível verificar de forma ainda mais clara esta tendência: entre o primeiro e o último ano em análise, há um aumento de menos de 700 alunos para quase 4 mil estudantes (quadros 3 e 4).

Como consequência deste crescimento muito intenso, o seu peso no total de estrangeiros no ensino superior aumenta, em especial a partir de 2007/08. Em 2012/13 os brasileiros são 29% do total de inscritos e 34% das primeiras inscrições. Em suma, o número de estudantes brasileiros cresce exponencialmente durante este período mas esse aumento é ainda mais notório no caso das primeiras inscrições no primeiro ano curricular, como se pode observar pelas taxas de variação (quadros 3 e 4).

Para uma análise mais aprofundada das tendências dos alunos lusófonos (PALOP+TL e brasileiros), no que respeita a áreas de estudo, importância do ensino privado vs público, do ensino universitário vs politécnico, graus académico, instituições e regiões de estudo destes alunos, ver Pedreira (2013).

Os Estudantes Europeus

No caso dos estudantes estrangeiros com origem na Europa colocam-se, desde logo, algumas questões relativas ao programa *Erasmus*, nomeadamente a da comparabilidade da informação dos estudantes, que permanecem em Portugal por pequenos períodos de tempo, com a de outros estudantes estrangeiros que fazem todo o seu curso no país. Como foi apontado, até ao ano letivo de 2010/11 os dados recolhidos incluíam apenas os estrangeiros que estudassem em Portugal por, pelo menos, dois semestres, enquanto a partir de 2011/12, são contabilizados todos os estudantes em mobilidade independentemente da sua duração. Esta mudança é particularmente importante na análise dos estudantes de origem europeia, uma vez que se trata, em larga medida, de alunos que vêm para Portugal ao abrigo programa *Erasmus*, frequentemente apenas por um semestre.

Para além de se analisar a evolução dos estudantes provenientes dos países associados ao programa *Erasmus*, é também importante perceber a importância dos estudantes europeus com origem nas principais comunidades imigrantes de Leste residentes no país: ucranianos, romenos, moldavos, russos e búlgaros (no caso dos estudantes romenos e búlgaros, oriundos de países incluídos no programa *Erasmus*, as questões associadas à mobilidade podem ter alguma expressão).

Com o objetivo de contemplar estas duas vertentes foram utilizadas diferentes agregações de países. Para além das agregações apresentam-se também, em separado, os dados relativos às nacionalidades com maior expressão quantitativa nos últimos anos.

O Quadro 7 apresenta, por um lado, a evolução do número de estudantes dos países europeus mais representados em Portugal e, por outro, algumas agregações destes países: a Europa antes do alargamento de 2004 (UE 15)⁴, os países incluídos no espaço *Erasmus*⁵ e o conjunto dos estudantes associados às maiores comunidades de imigrantes da Europa de Leste.

Quadro 7

Estudantes estrangeiros de origem europeia (principais nacionalidades, 2005/6 a 2012/13)									
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
Espanha	679	648	613	679	1 083	1566	130,6	2 689	2 786
Itália	239	240	215	334	487	616	157,7	1 226	1 428
Polónia	141	170	160	188	256	322	128,4	844	974
Alemanha	300	303	310	274	357	420	40,0	772	904
França	746	653	823	584	557	596	-20,1	777	696
Ucrânia	41	84	127	215	319	425	936,6	511	500
Turquia	25	29	29	66	79	123	392,0	339	480
Roménia	95	86	114	129	160	200	110,5	327	349
Bélgica	77	80	80	121	137	171	122,1	254	330
Países Baixos	243	60	55	73	105	118	-51,4	224	265
Rep. Checa	31	28	34	36	53	77	148,4	259	250
Rússia	65	85	96	134	171	187	187,7	234	211
Moldova	24	36	68	143	196	247	929,2	245	207
Reino Unido	86	90	99	101	130	161	87,2	205	201
Lituânia	10	9	8	10	21	40	300,0	210	194
Suíça	81	87	171	107	118	165	103,7	223	153
Eslováquia	15	16	16	23	30	32	113,3	107	136
Grécia	40	31	28	34	27	42	5,0	126	123
Bulgária	50	47	43	54	56	87	74,0	121	104
Espaço Erasmus	3 029	2 757	2 953	2 993	3 878	5 025	65,9	9 397	10 173
EU15	2 521	2 219	2 329	2 305	3 005	3 843	52,4	6 581	7 096
E. Leste	275	338	448	675	902	1146	316,7	1 438	1 371
% no total de Estrangeiros									
Espaço Erasmus	17,7	15,4	15,9	16,7	20,2	23,0		32,8	33,1
EU15	14,8	12,4	12,5	12,9	15,6	17,6		23,0	23,1
E. Leste	1,6	1,9	2,4	3,8	4,7	5,2		5,0	4,5

Fontes: De 2005/06 a 2011/12 – DGEEC, Tabela 2.9 – Inscritos de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; Ano 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

Numa primeira análise podemos observar a evolução dos alunos com nacionalidades correspondentes aos países integrantes do espaço *Erasmus*: aumentam de cerca de 18% para 23% do total de estrangeiros até 2010/11. Nos dois últimos anos, quando já são incluídos os alunos em mobilidade por períodos curtos, esta percentagem assume um valor muito superior, rondando os 33%.

⁴ Alemanha, Áustria, Bélgica, Dinamarca, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Países Baixos, Portugal, Reino Unido, Suécia.

⁵ Na atualidade, o programa Erasmus inclui intercâmbio de estudantes entre os atuais países da União Europeia e, para além disso, também inclui a Noruega, Islândia, Liechtenstein, Suíça e a Turquia.

Neste conjunto de alunos podemos destacar os estudantes originários da Europa dos 15, que representam a maioria destes estudantes: aumentam de cerca de 15% para 18% nos seis primeiros anos e, pelos motivos já referidos, nos dois últimos anos têm um peso maior no conjunto de estudante estrangeiros a frequentar o ensino superior português.

Considerando o valor acumulado ao longo dos anos destacam-se claramente cinco países – a Espanha, a Itália, a Alemanha, a Polónia e a França – sendo que os estudantes provenientes deste último país diminuíram neste período ao contrário do que sucedeu com os outros países, que registaram acréscimos substanciais a partir de 2008/09.

De entre os estudantes da União Europeia podemos destacar duas tendências marcantes. A perda de importância dos alunos franceses (descem 20% relativamente a 2005/06) e o aumento dos alunos com nacionalidade espanhola, italiana e polaca. Se o seu aumento é muito expressivo até 2010/11, nos dois últimos anos encontram-se quantitativos incomparavelmente maiores, mais uma vez devido ao facto de serem considerados todos os alunos em mobilidade independentemente do tempo que passam em Portugal.

Desde 2008/9 que Espanha se constitui como a mais importante origem dos alunos europeus: em 2010/11 detém cerca de 7% e, nos últimos 2 anos lectivos estes alunos representam mais de 9% dos estudantes estrangeiros.

Comparativamente, todas as outras nacionalidades têm menor expressão, embora seja de destacar a importância de Itália, da Polónia, da Alemanha e, em menor grau, de França (que inicialmente constituía a origem mais comum dos alunos estrangeiros de origem europeia).

Os alunos de países de Leste com importantes comunidades em Portugal – ucranianos, romenos, moldavos, russos e búlgaros - aumentam de forma clara. Se em 2005/6 o número era muito reduzido (275 alunos), em 2010/11, o valor sobe para 1.146 alunos inscritos no ensino superior - o que corresponde a cerca de quatro vezes o seu número inicial. Nos dois últimos anos, embora se verifique um aumento destes alunos, esse crescimento parece traduzir uma situação de continuidade, associada à residência de comunidades imigrantes destas proveniências geográficas (não parece decorrer das mudanças na forma de contabilizar os alunos em mobilidade, embora no caso das nacionalidades romena e búlgara isso possa acontecer parcialmente). Considerando as várias agregações, é o grupo de estudantes que mais cresceu. Não chegavam a 2% em 2005/6 e são agora cerca de 5% dos alunos estrangeiros. No entanto, no último ano letivo o seu efetivo desce, o que pode estar associado a dinâmicas de regresso dos imigrantes aos seus países de origem.

De entre os países que mais contribuem para este grupo, destacam-se fundamentalmente os alunos de nacionalidade ucraniana e romena, o que está certamente relacionado com o facto de a partir do início do século XXI estas serem comunidades imigrantes com uma forte implantação em Portugal: em 2011 os estrangeiros residentes em Portugal de origem ucraniana representavam 11% do total e eram a segunda comunidade mais importante, aparecendo os romenos em quarto lugar e com um peso de 9% no total de estrangeiros residentes (SEF, 2011). Os crescimentos relativos apresentados por estes países são muito expressivos, embora se baseiem em quantitativos iniciais pequenos.

Também para os alunos de origem europeia é possível seguir as primeiras inscrições nos primeiros anos (consideram-se neste quadro os mesmos países do quadro anterior).

No caso dos alunos europeus, maioritariamente integrados no programa *Erasmus*, estas primeiras inscrições não podem ser entendidas como traduzindo diretamente as variações da procura por ensino regular, como acontece em geral.

Quadro 8

Primeiras inscrições nos primeiros anos de estudantes estrangeiros de origem europeia (principais nacionalidades, 2005/6 a 2012/13)									
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
Espanha	181	191	169	204	605	990	447,0	1 131	1 052
Itália	60	65	73	106	259	349	481,7	534	510
Polónia	19	48	80	37	170	224	1 078,9	354	402
Alemanha	74	72	99	92	178	211	185,1	294	298
França	141	158	243	193	171	205	45,4	231	190
Turquia	7	10	10	25	56	78	1 014,3	153	184
Ucrânia	16	47	68	102	144	187	1 068,8	200	178
Bélgica	12	18	32	36	69	99	725,0	91	148
Roménia	34	31	37	46	61	93	173,5	132	139
Rep. Checa	11	8	10	14	36	51	363,6	119	100
Países Baixos	12	12	23	25	53	63	425,0	112	82
Lituânia	1	3	3	4	13	26	-	61	77
Reino Unido	18	31	35	30	59	83	361,1	74	74
Rússia	25	37	36	61	80	71	184,0	82	67
Eslováquia	1	6	6	4	19	20	-	52	57
Moldávia	15	16	42	72	78	102	580,0	80	56
Grécia	13	7	9	7	10	22	69,2	52	47
Suíça	12	28	69	46	42	58	383,3	60	43
Bulgária	14	8	12	19	20	44	214,3	49	38
Espaço Erasmus	665	757	969	946	1 935	2 770	316,5	3 800	3 712
EU15	545	591	719	724	1 457	2 090	283,5	2 638	2 501
E. Leste	104	139	195	300	383	497	377,9	543	478

Fontes: De 2005/06 a 2010/11 – DGEEC, Tabela 2.2.8 – Inscritos no Primeiro Ano pela Primeira Vez, de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; De 2011/12 a 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota 1: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

Nota2: Nos casos em que os quantitativos iniciais eram muito baixos optámos por não incluir a Taxa de Variação

Chamamos, desde logo, a atenção para o facto de por vezes as taxas de variação atingirem valores extremos, associados a situações nos quais o quantitativo inicial é diminuto. Nestes casos é mais importante observar a evolução dos números absolutos nos anos que precedem o cálculo da taxa.

O conjunto de países com maior importância nas primeiras inscrições e a sua importância relativa são sensivelmente os mesmos. Considerando os dois últimos anos podemos perceber que se confirma a grande importância dos alunos espanhóis, com mais de 1000 primeiras inscrições em cada um dos dois últimos anos. As nacionalidades seguintes - italianos e polacos – situam-se em cerca de metade, ou menos, deste quantitativo.

Em suma, o caso dos alunos europeus é bem mais heterogéneo do que os anteriores. Os estudantes do espaço correspondente ao *Erasmus* são em larga medida alunos que se podem englobar na categoria de mobilidade para obtenção de créditos. E, embora estes dados não o permitam afirmar, é provável que uma parte considerável dos alunos com nacionalidades da Europa de Leste correspondentes às comunidades imigrantes em Portugal, não sejam maioritariamente estudantes em mobilidade, mas apenas alunos com nacionalidade estrangeira, que já residiam em Portugal na altura do ensino secundário.

Outras nacionalidades

Para além dos alunos do espaço *Erasmus* e do Brasil, também entre os estudantes provenientes de outras origens se registou um aumento. Encontramos, no entanto situações muito diversificadas: estudantes com nacionalidades norte e sul-americana com quantitativos iniciais importantes; mas também estudantes com representações mais pequenas que registaram grande crescimento nos últimos anos (China, Irão, Índia).

Dado o número bastante elevado de países considerados neste grupo que globalmente têm um peso pequeno no conjunto de alunos estrangeiros, optou-se por apresentar no quadro apenas os países que para o total do período em análise têm mais de 100 alunos (Quadro 9).

Quadro 9

Estudantes estrangeiros de Outras Regiões (2005/6 a 2012/13)									
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
China	80	76	102	127	152	221	176,3	335	404
Irão	10	8	15	47	79	174	-	233	281
Estados Unidos	162	136	158	153	147	180	11,1	237	189
Venezuela	480	452	525	226	191	213	-55,6	201	149
Canadá	103	86	108	91	119	136	32,0	146	122
Índia	24	33	48	53	76	99	312,5	95	101
África do Sul	171	168	193	100	84	95	-44,4	83	74
México	14	19	20	28	35	56	300,0	67	70
Guiné	180	159	236	111	99	95	-47,2	101	64
Colômbia	16	19	22	31	40	54	237,5	61	59
Bangladesh	1	1	2	7	13	22	-	28	53
Argentina	29	30	19	23	25	37	27,6	54	40
Peru	17	20	25	30	31	34	100,0	41	39
Paquistão	1	3	10	11	17	24	-	32	38
Outras Regiões (total)	1 689	1 704	2 204	1 961	2 277	2 901	71,8	3 512	3 519

Fontes: De 2005/06 a 2011/12 – DGEEC, Tabela 2.9 – Inscritos de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; Ano 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota 1: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

Nota 2: Devido aos valores extremos das taxas de variação observadas para o Irão, do Bangladesh e do Paquistão, resultantes da conjugação de elevados crescimentos com quantitativos iniciais muito baixos, optamos por não as incluir.

Os estudantes com origem na China, Irão, Estados Unidos, Venezuela e Canadá são aqueles cuja importância é maior nos últimos dois anos letivos. No entanto, os alunos destes quatro países mostram uma evolução muito diferente entre si.

Tanto os estudantes originários da China, como do Irão, mostram um grande crescimento até 2010/11 e, nos últimos anos, esse crescimento mantêm-se. Os chineses aumentam quase 200 alunos e os iranianos mais de 100. Na atualidade, os alunos chineses no ensino superior português constituem a maior destas comunidades, mas o ritmo de crescimento dos estudantes iranianos destaca-se pela sua aceleração.

Na situação oposta encontram-se os alunos oriundos de países com importantes comunidades emigrantes portuguesas. Os estudantes com nacionalidade norte-americana e canadiana aumentam ligeiramente até ao penúltimo ano letivo, mas no último ano o seu quantitativo diminui. No caso dos venezuelanos, eram quase meio milhão em 2005/6, mas viram o seu peso decrescer, sendo hoje menos de um terço do seu valor inicial.

Também os estudantes provenientes da África do Sul e da Guiné, que quase atingiam os 200 alunos no ano inicial, têm vindo a diminuir substancialmente durante o período em análise, sendo em 2012/13 menos de metade. Curiosamente, atingiram o seu máximo em 2007/8, aproximadamente na mesma altura que os angolanos e cabo-verdianos, o que reforça a hipótese da mudança nas dinâmicas regionais de atração estudantil nesta área geográfica.

Tal como os alunos da China, que hoje formam o maior grupo neste conjunto de estudantes de Outras Regiões, também os indianos revelam um grande crescimento ao longo destes últimos oito anos, sendo hoje cerca de quatro vezes mais. Com muito menor expressão numérica, mas revelando um crescimento importante, podem encontrar-se alunos de outros países asiáticos (como o Bangladesh e o Paquistão).

Os alunos de países da América Latina, de língua espanhola, têm vindo a aumentar com regularidade: é o caso dos estudantes do México e da Colômbia, que já ultrapassam a meia centena, mas também os oriundos de outros países, alguns não incluídos no quadro, tais como os nacionais da Argentina, Cuba, Peru, Chile.

A análise das primeiras inscrições mostra as mesmas tendências encontradas quando do total de inscrições (consideram-se neste quadro os mesmos países que para o total de inscrições).

Quadro 10

Primeiras inscrições nos primeiros anos de estudantes estrangeiros de Outras Regiões (principais nacionalidades, 2005/6 a 2012/13)									
	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09	2009/10	2010/11	Variação (%)	2011/12	2012/13
China	29	29	44	57	70	102	251,7	106	180
Irão	2	2	10	32	39	88	—	103	96
Estados Unidos	29	30	44	66	57	79	172,4	72	62
Índia	8	10	20	24	35	37	362,5	30	42
Bangladesh	0	0	2	6	6	10	—	14	38
Canadá	14	15	27	34	41	58	314,3	36	35
Venezuela	86	106	143	67	48	74	-14,0	60	35
Colômbia	4	8	8	10	22	27	575,0	26	25
México	5	3	5	13	16	32	540,0	23	23
Guiné	41	45	80	36	41	33	-19,5	40	19
África do Sul	35	47	46	23	23	26	-25,7	21	16
Paquistão	0	3	8	8	12	8	—	14	16
Argentina	8	7	5	9	14	22	175,0	17	15
Peru	6	5	8	9	9	14	133,3	9	10
Outras Regiões (total)	389	495	753	827	936	1 256	222,9	1 253	1 266

Fontes: De 2005/06 a 2010/11 – DGEEC, Tabela 2.2.8 – Inscritos no Primeiro Ano pela Primeira Vez, de Nacionalidade Estrangeira por País de Origem, consultado a 25/10/2013; De 2011/12 a 2012/13 – Dados não publicados, cedidos pela DGEEC.

Nota 1: A variação apresentada diz respeito ao período de 2005/06 a 2010/11

Nota 2: Devido aos valores extremos das taxas de variação observadas para o Irão, do Bangladesh e do Paquistão, resultantes da conjugação de elevados crescimentos com quantitativos iniciais muito baixos, optamos por não as incluir.

Tal como no caso europeu as tendências nas primeiras inscrições no primeiro ano curricular confirmam as tendências no total de inscritos. Isto é os países com maior expressão quantitativa são os mesmos. No entanto, a comparação das taxas de crescimento nas primeiras inscrições e no total de inscritos mostra que, em geral, o ritmo de crescimento das primeiras inscrições excede o do total de inscrições, revelando uma dinâmica de aceleração da procura de ensino superior por parte destes estudantes.

Isto é especialmente verdade no que respeita aos países que têm hoje maior expressão, como a China, o Irão (o valor excepcional da taxa de variação deste país decorre do seu baixo valor inicial e não deve ser valorizado). Passa-se o contrário no caso dos alunos com nacionalidade venezuelana, que inicialmente constituíam a principal nacionalidade neste grupo de estudantes estrangeiros. Neste caso a dinâmica é acentuadamente negativa quer no total, quer nas primeiras inscrições. É também o caso dos alunos nacionais da Guiné e da África do Sul. Nos últimos anos, também os alunos dos Estados Unidos e do Canadá parecem diminuir a procura por ensino superior em Portugal, embora se mantenham com alguma importância relativa.

CONCLUSÃO

O aumento expressivo da mobilidade dos estudantes estrangeiros a partir do início da década de 2000 é uma das manifestações da internacionalização do ensino superior em Portugal.

Os resultados obtidos revelam quatro tendências centrais ocorridas nas últimas décadas. Em primeiro lugar, assistiu-se a um aumento muito considerável de alunos de nacionalidade brasileira e que poderá ser explicado, por um lado, pela concessão de bolsas e de apoios financeiros por parte do Governo brasileiro após 2007 e, por outro lado, pelo aumento significativo de imigrantes brasileiros no nosso país (que passaram de 23.541 em 2001 para 105.622 em 2012) (SEF, 2001; SEF, 2012), facto que poderá ter contribuído igualmente para aumentar o contingente destes cidadãos no ensino superior português.

Em segundo lugar, uma diminuição ligeira dos estudantes oriundos dos PALOP, tendência esta provavelmente relacionada com a criação e o desenvolvimento de instituições de ensino superior nestes países, bem como pela atração por outros destinos de estudo.

Em terceiro lugar, observa-se o aumento dos estudantes dos países do espaço *Erasmus* até 2010/11. Nos últimos dois anos letivos o seu número aumenta ainda mais, quer por se manter a tendência de crescimento já existente, quer pela aposta por parte dos organismos oficiais num melhor registo dos estudantes em mobilidade, que nesta região constituem um grupo importante.

Por último, os estudantes estrangeiros de outras proveniências, nomeadamente os de origem asiática (chineses, indianos), aumentaram muito o seu peso nas instituições universitárias ao longo da década considerada. Este aumento poderá ser explicado, tal como no caso de outros grupos nacionais, pelo crescimento imigratório de origem asiática em Portugal, assim como pelo reforço de acordos de cooperação bilaterais entre instituições portuguesas e asiáticas, ilustrativos da internacionalização do ensino superior.

É de esperar que o aumento de estudantes estrangeiros continue no futuro, tornando ainda mais clara a necessidade de aprofundar diversas questões. É assim, fundamental desenvolver pesquisas quantitativas de modo a analisar mais pormenorizadamente a evolução dos estudantes estrangeiros no ensino superior português, tendo em conta características sociodemográficas dos alunos e também os aspetos académicos (áreas de estudo, grau académico frequentado, instituições escolhidas, etc.).

Complementarmente, será essencial realizar pesquisas, com uma abordagem mais qualitativa, que equacionem as motivações, expectativas e vivências destes estudantes no nosso país. Dentro deste âmbito, será ainda crucial entender as inscrições no ensino superior português por parte dos estudantes estrangeiros e a sua relação com a integração no mercado de trabalho português e/ou europeu. A relação entre educação e imigração laboral é, assim, um ponto a desenvolver e considerar em estudos futuros. O mesmo ocorre relativamente à relação entre a segunda geração de imigrantes no nosso país e as inscrições de estudantes com estas nacionalidades. No que diz respeito aos alunos dos PALOP e Timor-Leste, Brasil e países de Leste é uma questão que interessa perceber em maior profundidade, sendo particularmente pertinente compreender a diferença entre estudantes estrangeiros e estudantes internacionais: isto é, perceber qual a importância relativa dos estudantes com estas nacionalidades que já residiam em Portugal e que aqui completaram o ensino secundário, face ao quantitativo de estudantes destas origens geográficas que vieram para Portugal para ingressar no ensino superior.

Bibliografia

Cunha, Sandrina Costa (2011) – A satisfação dos estudantes Erasmus em Lisboa. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

European Commission (2013) – A Statistical Overview of the Erasmus Program in 2011-12, Directorate-General for Education and Culture, European Commission, Brussels

Kanzok, Yvonne (2011). Os estudantes estrangeiros e os seus colegas de origem portuguesa na FCSH: Lado a lado ou conjuntamente? Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Moreira, Humberto (2006). Mobilidade Internacional no Ensino superior, *Revista de Estudos Demográficos*, 39, 37-67.

Mourato, Isabel (2011). A Política de Cooperação Portuguesa com os PALOP: Contributos do Ensino Superior Politécnico. Dissertação de mestrado apresentada Faculdade de Ciência Política, Lusofonia e Relações Internacionais da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa.

Nada, Ionut (2012). Os Estudantes Estrangeiros na Universidade do Porto. Escolhas, Vivências e Aprendizagens num Espaço Europeu. Dissertação de mestrado apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

OECD (2013), *Education at a Glance 2013: OECD Indicators*. OECD Publishing. <http://dx.doi.org/10.1787/eag-2013-en>.

Oliveira, Miguel (2013) *Integração de estudantes dos PALOP e Timor-Leste na Universidade de Aveiro*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade de Aveiro.

Pessoa, Inês Costa (2004). *Estudantes do espaço lusófono nas universidades portuguesas*. Observatório de Relações Exteriores da Universidade Autónoma de Lisboa: Janusonline, 1-8.

Pedreira, Isabel (2013). *Estudantes da CPLP no ensino superior em Portugal: tendências de evolução e perfis sociais*. Dissertação de mestrado apresentada no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.

SEF (2001). *Estatísticas*. Disponível em: <http://sefstat.sef.pt/>

SEF (2011). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Disponível em: <http://sefstat.sef.pt/>

Semedo, Maria dos Anjos (2010). *Emoções mistas: integração social e académica dos alunos provenientes dos PALOP*. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia.

Silva, Carla, José Luís Abrantes e Isabel Duarte (2009) – “Integração social e académica dos alunos provenientes dos PALOP no ensino superior português: um estudo de caso” comunicação apresentada no 15º Congresso da APDR, no âmbito do programa Redes e Desenvolvimento Regional Cabo Verde, UniPiaget, 6 a 11 de Julho de 2009, Cidade da Praia (Online). Disponível em <http://www.apdr.pt/congresso/2009/actas/6.html>